UNIVERSIDADE ABERTA www.uab.pt

MEIO DE COMUNICAÇÃO	DATA DE PUBLICAÇÃO
Jornal de Letras	24-01-2024

O futuro das universidades num mundo disruptivo

DOMINGOS CAEIRO E JOÃO CAETANO

Assistimos a uma pressão crescente sobre as universidades para que promovam a mudança. Trata-se de levar a cabo alterações internas, pensando no futuro e preocupando-se menos com o passado, mas também a mudança externa, procurando encontrar soluções para os problemas globais e interagindo eficazmente com a sociedade.

Esta ideia pode ler-se num texto da Associação de Universidades Europeias: "As universidades devem olhar ativamente para o futuro para identificar ameaças e oportunidades. Isto está intimamente relacionado com um elemento-chave do papel das universidades na sociedade, através do qual elas identificam e influenciam uma ampla gama de mudanças que acontecem no mundo que nos rodeia. Ao longo da última década, muitas passaram por reformas profundas no plano institucional e sistémico e continuam a mudar à medida que os desafios evoluem e surgem novas oportunidades. As questões que rodeiam o futuro do nosso planeta, das sociedades e das economias impulsionam estas mudanças" [1] (*tradução nossa*).

Esta ideia, embora mereça largo apoio das agências internacionais, da União Europeia e dos governos, é divisiva. Nos processos em curso de reforma das universidades, especialmente na Europa, a grande oposição está entre quem olha preferencialmente para o passado, com uma ideia mítica de universidade, e quem olha para o futuro, visando novas estratégias de desenvolvimento das sociedades tendo as universidades no centro.

Há que perceber as tendências de desenvolvimento à luz dos sinais de mudança. Mais do que tempos de mudança, presenciamos uma mudança de época caracterizada por novos padrões de aferição do comportamento humano. Trata-se de alterações de valor nos domínios social, tecnológico, económico, ambiental e político que indicam que um novo e significativo cenário de mudança está a emergir globalmente e atingindo todos. Tecnologias disruptivas e outras experiências que reforçam os níveis de interconexão estão a transformar rapidamente a forma como vivemos e trabalhamos, gerando transições nas estruturas ocupacionais e alterando a procura por conhecimento e competências a um ritmo mais acelerado.

Estima-se que um novo mercado de trabalho resultante da Quarta Revolução Industrial será responsável por 85% dos empregos até 2030, muitos dos quais ainda nem foram inventados. A inteligência artificial (IA), a internet das coisas, a robótica e a realidade aumentada e virtual estão a tornar-se parte do quotidiano. As pessoas vivem e trabalham mais tempo, e as mudanças contextuais aceleradas causam alterações da vida profissional com maior frequência.

Estas amplas transformações do ecossistema socioeconómico global terão um impacto substancial em todos os setores, designadamente nas universidades, que terão de ser capazes de responder e satisfazer as expectativas emergentes.

É neste contexto que importa perceber qual será o futuro da governação das universidades, o mesmo é dizer qual a estratégia, planeamento e organização das universidades, por forma a darem resposta aos problemas do mundo, incluindo a formação integral das pessoas.

Ao longo dos séculos, as universidades foram motores do desenvolvimento das sociedades, com grande capacidade de adaptação às circunstâncias. A novidade está nos desafios que o mundo e a sociedade colocam hoje às universidades, em contextos em que novos atores estão disponíveis para operar a mudança. Pensemos na utilização das novas linguagens, como a IA. Se as universidades não forem capazes de responder ao desafio concreto, serão substituídas pelos novos atores, que operam muitas vezes a uma escala transnacional e podem fazer um trabalho excelente na perspetiva dos interesses de formação das pessoas, mas não segundo um ideário humanista e socialmente comprometido. Esse é o papel das universidades, que não pode ser esquecido, sob pena de perderem relevância.

As universidades devem continuar a promover o desenvolvimento em termos científicos, tecnológicos e sociais, integrando nas suas atividades novas metodologias, pedagogias e linguagens, na procura permanente da verdade, e os modelos de governação e as estratégias de desenvolvimento devem ser alterados.

Universidade de Coimbra

> A grande oposição está entre quem olha preferencialmente para o passado, com uma ideia mítica de universidade, e quem olha para o futuro, visando novas estratégias de desenvolvimento das sociedades tendo as universidades no centro

É NOSSA APOSTA QUE A UNIVERSIDADE continue a ser uma instituição com capacidade de mudar, inovar, reconhecer e criar oportunidades, mas precisa de se preparar.

Ao contemplarmos o cenário para 2030, deparamo-nos com uma encruzilhada complexa de desafios e oportunidades que exigem uma reflexão atenta e uma ação diligente. Destacamos a transição digital, os modelos de financiamento e o acesso ao ensino superior.

A transição digital, qual força propulsora, permeia todos os domínios da academia, redefinindo não apenas as estratégias de ensino, mas também os processos administrativos e as estratégias de investigação e de transferência do conhecimento.

A necessidade de inovação emerge como uma decorrência direta da revolução digital, seja das instituições como um todo ou das suas missões (funções), que estão interligadas.

É imperativo que as universidades transcendam paradigmas obsoletos, adotando metodologias educacionais que catalisem a criatividade, o pensamento crítico e a resolução de problemas. Não faltam exemplos de estudantes que afirmam que as universidades estão desfasadas da realidade e não cumprem o seu papel. [2] A flexibilidade curricular e a personalização do ensino são indispensáveis para atender à diversidade de perfis de estudantes e às exigências de um mercado de trabalho dinâmico. Se as universidades não conseguem fazê-lo sozinhas, devem abrir-se e colaborar com a sociedade para oferecer aos interessados os meios e conhecimento necessários ao pleno desenvolvimento da sua personalidade.

OS MODELOS DE FINANCIAMENTO despontam como uma preocupação central, à medida que as universidades se empenham em equilibrar orçamentos e em garantir um acesso equitativo à educação superior por públicos crescentemente diversos em termos de origem, idade e necessidades de formação. Estratégias inovadoras de captação de recursos e parcerias público-privadas são alternativas a ter em conta, devendo proceder-se a uma reavaliação rigorosa das políticas de financiamento e a um compromisso inabalável com a eficiência e a transparência.

A sustentabilidade, seja ela ambiental, financeira ou da oferta educativa, é crucial nos projetos de desenvolvimento institucional. As universidades têm a responsabilidade de apoiar investigação que contribua para a solução dos desafios globais, incluindo os problemas ambientais. A sustentabilidade financeira, por sua vez, requer uma gestão assertiva de recursos, alinhada com uma visão estratégica de longo prazo que privilegie a especialização e cooperação entre as universidades e os poderes públicos.

NO SÉCULO XXI, AS UNIVERSIDADES enfrentam desafios inéditos, cujo impacto ultrapassa os muros académicos e ecoa na sociedade. São desafios multifacetados que exigem a disseminação do conhecimento em larga escala e de forma disruptiva. A boa governação das universidades e a promoção do acesso ao ensino superior convergem no aprofundamento dos valores e direitos democráticos, levando a sério o direito à educação.

As universidades são mais do que a soma das partes, devendo ser projetos diferenciados e com sentido. É desse modo que devem relacionar-se com o exterior, com ações que comprometam a todos internamente e beneficiem a sociedade.

O caminho à frente requer universidades catalisadoras da mudança reivindicada por estudantes, famílias, empresas e sociedade. Do modo de ensinar à organização das salas de aulas, [3] passando pela organização da investigação e a ligação ao exterior, a realidade é já outra, pelo que há que agir de forma consequente.

O desafio é grande, mas a relevância futura das universidades depende da sua capacidade de navegar por esse novo terreno, com sabedoria e integridade. JL

Da mesma forma, a boa governação emerge como um pilar essencial para o êxito institucional. Mecanismos de prestação de contas, transparência e participação democrática devem ser robustecidos, assegurando uma administração eficiente e ética. A democratização das decisões académicas está intrinsecamente vinculada à promoção da inclusão e igualdade, promovendo o respeito pelos direitos das pessoas.

O alargamento do acesso à educação superior é um imperativo moral. Todas as pessoas devem poder aceder ao ensino superior de acordo com os seus talentos. Já as universidades devem desenvolver estratégias que transponham barreiras económicas, culturais e geográficas, promovendo a diversificação de públicos e a construção de sociedades mais justas. A igualdade entre homens e mulheres, a formação ao longo da vida e o acesso ao ensino superior de pessoas com necessidades específicas exigem ações concretas.

[1] *Cf. European University Association, Universities of the future. Disponível em: https://eua.eu/topics/28:universities-of-the-future.html;* [2] *Neste sentido, Pedro Machado, A universidade que eu vivi não é a que me venderam, in Público, edição de 9/1/2024. Disponível em https://www.publico.pt/2024/01/09/p3/cronica/universidade-vivi-nao-venderam-2076057;* [3] *Cf. Joaquim Azevedo, Falta de professores? Porquê tanta aflição se não vai haver escolas?, in Público, edição de 8/1/2024. Disponível em https://www.publico.pt/2024/01/08/sociedade/opiniao/falta-professores-tanta-aflicao-nao-vai-haver-escolas-2075996*

*Domingos Castro e João Caetano são prof. e vice-reitores da Universidade Aberta destaque